



CÂMARA MUNICIPAL DE PIRACICABA

ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

3-64
sôficha

IImo. Sr.
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE
Piracicaba.

APROVADO
16/3/64

1º ORDEN DO DIA
12/16/3/64

Requer. 48-64

Requeiro regimentalmente que seja enviado um ofício de congratulações e louvor ao brilhante jornalista Dr. Julio de Mequita Filho, diretor do valioso matutino paulista "O Estado de São Paulo", pela publicação de um suplemento tão oportuno na atualidade crucial que a nação está atravessando, com a onda que o comunismo procura por todos os meios voltar a legalidade, afim de torpedear o regime e implantar em nossa Pátria a sucursal do comunismo internacional a exemplo da Letonia, Lituania, Bulgária, Rumania, Albania, Checoslovaquia, Iugoslavia, Hungria, etc.

Em nosso continente temos o traidor da revolução de Serra Maiztra, o carniceiro Fidel Castro, que prometeu liberdade e regime democrático ao povo cubano, passou de malas e bagagens ao imperialismo soviético, sendo o seu primeiro satélite, nas Américas. O regime comunista é em toda parte o mesmo sistema de governo: Tirania, hipocrisia, mentira e desilusão. O "O Estado de São Paulo" prestou excelente trabalho ao Brasil e aos brasileiros publicando no suplemento que acima referimos, sobre a verdadeira situação em que se encontram os adversários do sanguinário ditador cubano Fidel Castro: Campo de concentração nas Américas! Eis o que é o comunismo, tão bem demonstrado a todos que amam a liberdade pelo grande jornal que é na realidade o guardião da democracia em nossa Pátria.

Requeiro mais que se aprovado, este voto de congratulações e louvor, conste na ata hodierna de nossos trabalhos, como homenagem de Piracicaba democrática e republicana a imprensa brasileira que repudia o comunismo - que nesta hora de confusão pretendem resurgir para a desgraça da Nação Brasileira.

PIRACICABA, 16 de março de 1964.

Milton de Camargo
MILTON DE CAMARGO.



CÂMARA MUNICIPAL DE PIRACICABA

ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL

Piracicaba, 17 de março de 1964

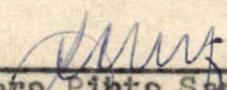
Of. 205-64

Req. 48-64

Exmo.Sr.
Jornalista Julio Mesquita
DD.Diretor de "O Estado de S.Paulo".
SÃO PAULO

Temos a honra de encaminhar a V.Excia. o teor do REQUERIMENTO Nº 48-64, de autoria do Vereador Prof. Milton deCamargo, e que obteve aprovação unânimedeste Câmara Municipal, no sentido de ser consignadoemATA um voto de louvor pela publicação do Suplemento Especial de 14 de março de "O Estado de São Paulo" inserindo o Relatório daComissão de Direitos Humanos da OEA sôbre: CUBA: O HORROR DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO.

Prevalecemo-nos da oportunidade para apresentar a V.Excia. as expressões de nossa admiração e apreço.


Lázaro Pinto Sampaio
Presidente da Câmara Municipal

(copia)

REQUERIMENTO Nº 48/64

Requeiro regimentalmente que seja enviado um ofício de congratulações e louvor ao brilhante jornalista Dr. Julio de Mesquita Filho, diretor do valoroso matutino paulista o "O Estado de São Paulo", pela publicação, de um suplemento tão oportuno na atualidade crucial que a nação está atravessando, com a onde que o comunismo procura por todos os meios voltas a legalidade, afim de torpedear o regime e implantar em nossa Patria a sucursal do comunismo internacional a exemplo da Letonia, Lituania, Bulgaria, Rumania, Albania, Checoslovaquia, Iugoslavia, Hungria, etc.,

Em nosso continente temos o traidor da revolução de Serra Maistra, o carneceiro Fidel Castro, que prometendo liberdade e regime democratico ao povo cubano, passou de malas e bagagens ao imperialismo sovietico, sendo o seu primeiro satellite, nas Americas. O regime comunista é em toda parte o mesmo sistema de governo: Tirania, hipocrisia, mentira e desilusão. O "O Estado de São Paulo" prestou excelente trabalho ao Brasil e aos brasileiros publicando no suplemento que acima referimos, sobre a verdadeira situação em que se encontram os adversarios do sanguinario ditador cubano FidelCastro: Campo de Concentração nas Americas ! Eis que é o comunismo, tão bem demonstrado a todos que amam a liberdade pelo grande jornal que é na realidade o guardião da democracia em nossa Patria.

Requeiro mais que se aprovado, este voto de congratulações e louvor, conste na ata hodierna de nossos trabalhos, como homenagem de Piracicaba democratica e republicana à imprensa brasileira que repudia o comunismo- que nesta hora de confusão pretendem resurgir para a desgraça da Nação Brasileira.

Piracicaba, 16 de Março de 1964

a) Milton de Camargo

- Vereador-

Cuba: o horror dos campos de concentração

Relatório da
Comissão de
Direitos Humanos
da OEA

Os campos de concentração são a surpreendente e complexa máquina da expiação. Os que devem morrer dirigem-se para a morte com uma lentidão calculada para que sua decadência física e moral, consumada por etapas, os torne enfim conscientes de que são malditos, expressões do Mal e não homens. E o ministro justiceiro experimenta uma espécie de prazer secreto, de voluptuosidade íntima, em arruinar os corpos.

Essa filosofia basta, por si só, para explicar a genial disposição das torturas, seu refinamento complexo prolongando-lhes a duração, sua industrialização, e todos os componentes dos campos. A presença dos criminosos, a aproximação brutal de nacionalidades quebrando todas as compreensões possíveis, a mistura calculada das camadas sociais e das gerações, a fome, o temor permanente inculcado nos cérebros, os golpes — tantos fatores cujo único desenvolvimento objetivo, sem outras intervenções, conduz a essa desagregação total do indivíduo, a qual é a expressão mais completa da expiação.

DAVID ROUSSET

"L'Univers Concentrationnaire"



A fome, os maus tratos, o isolamento, a suspeita dos que partilham do horror fazem que se perca consciência da condição humana. Assim é a vida nas prisões políticas de Cuba — onde se fez uma revolução em nome dos Direitos do Homem.

guarda que o matou a tiros dan-
cava de alegria ao lado de seu
cadáver".

VI
Uma testemunha ocular dos fa-
tos descreveu o assassinio de um
preso político no presídio da Ilha
de Pinos, em 17 de abril de 1961:

"O chefe da Ordem interna,
Agustín Collado, seleccionou en-
tre os presos comuns os mais fe-
rozes assassinos, colocando-os sob
suas ordens, a fim de que, no
caso de uma revolta por parte
destes, quando estavam reuni-
dos no pátio todos os prisionei-
ros, os milicianos com baionetas
caídas tomaram posição. O chefe
da prisão, com brutais intencio-
es, ordenou aos presos políti-
cos que se despiassem e que se
ajoelhassem, anunciando ao mes-
mo tempo que "houve uma inva-
são e vocês serão fuzilados se
esses vermes não forem repeli-
dos". Em seguida, disse-lhes:
"Têm oportunidade de rezar em
voz alta para ver se são atendi-
dos". Um dos presos, René San-
tana, de 45 anos, levantou-se e
disse: "Quero dizer a primeira
oração: Deus misericordioso, pe-
dimo-te em nome de Cristo que
os invasores triunfem e que estes
canalhas sejam exterminados".
Imediatamente, um miliciano ti-
rou a pistola, apontou para sua
cabeça e esmagou-lhe o craní-
o com um tiro".

VII
Um cidadão que presenciou os
seguintes fatos, ocorridos na pri-
são da Ilha de Pinos, declarou o
seguinte: (21)

"Na madrugada de segunda-
feira, 7 de agosto de 1961, um
dos presos, condenado a 15 anos
de carcere, o ex-sargento do
Exército Rebelde chamado Gus-
tavo Sabino Ariles, conseguiu
uma lata de leite, abriu-a e be-
beu-lhe parte do conteúdo. De-
pois, passou-a a varios compa-
nheiros. A noticia chegou aos ou-
vidos do chefe da penitenciaria
e, ás 2 da madrugada, foram
chamados e levados ao pátio en-
quanto lhes revistavam as celas.
No pátio, despiam-nos e o diri-
tor da penitenciaria pediu que
se apresentasse o que obtivera
a lata de leite. Sabino deu um
passo à frente e, ao lhe pergun-
tarem como se conseguira, não
respondeu. O interrogador deu-
me um bofetão que lhe partiu os
labios. O interrogatorio prosse-
guiu e, perante a negativa do
ex-sargento, bateu-lhe novamente
protestando contra aquela violencia
e um miliciano enterrou-lhe a
baioneta no ombro. Sabino lan-
çou-se sobre o oficial que come-
çou a selvajaria e então, ou-
tro miliciano atirou-lhe com a
sua arma de fogo ferindo-o de
frente. Falcía momentos de-
frente".

VIII
Um estudante que presenciou o
fato diretamente informou a
Comissão da morte violenta de um
preso político: (22)

"No dia 7 de julho de 1961,
durante a noite, apresentouse
na casa do senhor Jesus Marín,
na aldeia do Cotozoro, o comis-
sario comunista Armando Santos,
para prender o sr. Marín, acusa-
do de ser "verme" e contra-re-
volucionario. A mulher deste, Ol-
vicionario de Brito, apresentouse
tarde no quartel da aldeia para
saber noticias de seu marido e
não o encontrando ali, começou
a percorrer todos os pontos po-
liciais e escritorios do G2. Em
fatos e em cada um deles a res-
posta era sempre negativa. Pas-
sava assim varios dias angusti-
oso, sem saber o paradeiro de
seu marido, que havia sido deli-
tado em sua presença pela simples
acusação de ser contra-revolucio-
nario. Após alguns dias de incer-
teza, comunicaram-lhe que o ca-
daver de seu marido fora encon-
trado no antigo forno de cal
do povoado de Regla, com o cor-
po atravessado por numerosas
balas".

IX
Um ex-presidiario da Ilha de Pi-
nos enumerou as diversas pessoas
que faleceram na prisão penitencia-
ria durante a sua reclusão: (23)

"Tenho os nomes de alguns dos
que faleceram na prisão desde
a minha chegada: Lorenzo Fon-
seca Balcón, Frederico Ruiz Flei-
tes, Hernando Herrera Caballe-
ro, Antonio Manteica Caballero,
Felix Hernandez Rovelo, Leoní-
des Hernandez Velazquez, um se-
nhor López Cuevas, Roberto Con-
cepcion Pérez, Guillermo Garcia



O inicio

e um senhor de sobrenome Rosa,
ao qual tiveram de amputar uma
perna, em consequencia do que
veio a morrer. Estas mortes não
são todas, mas ocorreram de 21
de dezembro de 1959 até a de
agosto de 1962. As causas basi-
cas foram maus tratos, fome,
falta de cuidados medicos e de
remédios que deterioraram a
saude e o espirito a ponto de
causarem a morte".

X
Um estudante universitario (24)
declarou o seguinte:

"Fui detido em Havana, a 17
de abril de 1961, e depois de
passar varias horas na Cidade
Desportiva transferiram-me para
a Fortaleza Militar de La Caba-
ña. A avalanche de prisioneiros
era imensa. Nessa noite — que
passamos expostos ás intempé-
ries, cobrimo-nos com jornais,
jogados ao chão, apesar da bai-
xa temperatura — foram fuzila-
dos a 1 da madrugada oito cuba-
nos, entre os quais dois estudan-
tes: Virgilio Campanera e Alber-
to Tapia Ruano. Entre os parti-
cipantes do pelotão de fuzilamento
encontrava-se uma mulher
uniformizada que, ao terminar o
macabro espetáculo, caçava do
que acabara de fazer com pala-
vras grosseiras".

A 19 de abril de 1961, pela
madrugada, fuzilaram mais 7 ho-
mens. As conversas, tiros e gritos
ouviam-se perfeitamente das
celas. Pelas descargas, fomos
contando o numero de fuzilados.
Para acabar com um deles, tive-
ram de dar cinco tiros de pisto-
la. Entre assassino e assassinio,
podiam-se ouvir as risadas, os
cantos e as zombarias dos mil-
icianos e soldados que presenciam
as execuções. Estes fuzilamentos
foram anunciados por um dos
carcereiros, que gritou: "Hoje
vamos ter pandega", referindo-
se ás execuções. Entre esses as-
sassinios incluiu-se o do coman-
dante dr. Humberto Sorí Marín.
Estes fatos e os chamados por al-
to falantes para julgamentos-re-
dempção dos prisioneiros criavam
um clima psicologico extremam-
ente depressivo entre os deti-
dos".

XI
A "Comissão Pró-Tratamento
Humano a Presos Políticos em
Cuba" (25), afirma o seguinte a
respeito:

"Atualmente, na Fortaleza de
La Cabaña, continuam os fuzila-
mentos. A impia ceifa de vidas
uteis a Cuba continua "in cres-
cendo". Dessa forma, é doloroso
para os cubanos chamar a aten-
ção da Comissão de Direitos Hu-
manos da OEA para o aumento
dos paredões sangrentos. Em La
Cabaña, os fuzilamentos são fei-
tos em três paredões: 1) o cha-
mado "Foso de los Laureles", on-
de houve fuzilamentos até mar-
ço de 1961; 2) o fosso ou fossos
de Morro; e 3) o fosso que fica
de trás da prisão, de onde os pre-
sidos ouvem os disparos, os
soldados ouvem os gritos, ás
vozes de comando, os gritos

Ao chegar á prisão, tem inicio o sofrimento. Os priso-
neiros devem deixar suas roupas, que são confiscadas

dos condenados: "Viva Cristo
Rei, Viva Cuba Católica" etc. No
dia 30 de agosto de 1962, fuzila-
ram 75 valentes cubanos pelo cri-
me de não quererem para a sua
patria um regime comunista,
ateu, destruidor da nacionalida-
de. Naquele dia, funcionaram os
três paredões. E naquele dia,
um sentimento unanime sacudiu
a consciencia americana, acusan-
do-a de inercia, porque Cuba,
que continua sofrendo, espera de
seus irmãos a hora da justiça
e da libertação".

XII
Um ex-militar qualifcou os fuzi-
lamentos como caçada humana, de
acordo com o que presenciou nos
fossos de La Cabaña: (26)

"Os fuzilamentos realizavam-se
justamente atrás das celas onde
se encontravam todos os presos,
para que influenciassem a moral
dos detidos. Davam-se das 22 ás
24 horas ou ás 2 da madrugada.
Nunca se realizou um fuzilamento
de maneira regular, como os
militares sabemos que se pratica.
Os fuzilamentos realizavam-se
perseguido-se praticamente a ti-
ros o sentenciado. Não posso
crer que todos aqueles homens
disparassem, porém faziam-no os
chefes dos pelotões, encarrega-
dos de perseguir a tiros os jus-
ticiados. Muitas vezes, como é
natural, caía um individuo ferido
numa perna e, na ansia de
viver, tratava de escapar. Então,
tornavam-se necessario matá-lo
como a um animal. E isso se fazia
em La Cabaña".

XIII
Um ex-presidiario da Ilha de Pi-
nos declarou o seguinte á Comis-
são: (27)

"A 13 de novembro de 1960,
entramos na penitenciaria cerca
de 50 guardas com baionetas ca-
dadas e feriram uns 70 presos.
Estes foram retirados, despidos,
ao amanhecer. Eu, pessoalmente,
fui golpeado por um guarda com
a parte plana da baioneta, ficando
marcado durante três semanas.
Em seguida, fomos levados
a um curral, expostos ás intem-
perias, ao frio, completamente
nus e maltratados física e mor-
almente".

XIV
A esposa de um procurador pu-
blico que se encontra preso expôs
o seguinte: (28)

"Meu marido foi preso em plea-
na rua e levado ao famoso G2,
onde o mantiveram incomunica-
vel. Soubemos, através de ami-
gos que saíram do G2, que que-
raram a cabeça de meu marido,
puseram-no em camaras frias e
quentes e que, para não sucum-
bir, punham a cantar o hino na-
cional de Cuba.
Após um mês e meio de pri-
são, minha irmã conseguiu vê-lo
e, quando isso se deu, meu mari-
do apresentava um sulco san-
guento nos pulsos, porque fora
pendurado como um presunto.
Imagine um homem de 60 anos,
de 6 pés de altura e 240 libras
de peso, pendurado dessa ma-
neira pelos pulsos, exposto a so-

frer um derrame cerebral em
consequencia da pressão sangui-
nea".

XV
Um ex-presidiario de La Caba-
ña, relatou o caso seguinte: (29)

"Fazendo fila para ir comer,
no pátio da prisão, um miliciano
de cór cotucava-nos com a bai-
oneta para que nos apressásse-
mos em receber a comida. Qual-
quer protesto podia provocar um
golpe fatal".

XVI
Uma senhora, cujo marido foi
fuzilado, remeteu á Comissão co-
pia fotostatica de uma carta que
ele lhe escreveu dois dias antes
da execução, e na qual se denun-
ciam os seguintes fatos: (30)

"Durante 64 dias a partir da
minha detenção submeteram-me
a um terrivel sistema de tortu-
ras físicas e mentais. Durante to-
do esse tempo, mantiveram-me
fechado num quarto, totalmente
isolado do mundo exterior. As
unicas aberturas desse quarto
eram dois orificios do tamanho
dos olhos de um homem, por
onde me vigiavam dia e noite.
Não me permitiam dormir. Ha-
via um foco de grande potencia
que transformava o quarto num
forno. O calor era sufocante,
tanto que quase perdi os senti-
dos. Suava dia e noite, apesar
de estar nu. Por outro lado, não
podia tomar banho e nem se-
quer lavar-me. A erupção cu'i-
nea transformou-se em chagas.
Ouviam-se constantemente des-
cargas de fuzis e ordens dadas
aos pelotões de fuzilamento. Os
interrogatorios eram intermina-
veis. Os milicianos comiam e
bebiam á minha frente, para le-
var-me ao desespero, porquanto
a fome e a sede me consumiam.
Como eu não falava, levaram-
me ao paredão de fuzilamento e
intimaram-me a falar. Podes
imaginar a minha resposta: ne-
guei-me rotundamente a delatar
os meus companheiros. Cumpri-
meu dever e continuarei a cum-
pri-lo até o fim".

XVII
Um ex-presidiario da prisão de
Ilha de Pinos ofereceu á Comis-
são a declaração seguinte: (31)

"Como casos especificos de fe-
ridos a bala, na prisão, posso ci-
tar o de Higinio Ruiz, na circula-
r 2, que foi agredido por um
dos guardas da torre, em 20 de
abril de 1961. Também posso ci-
tar o caso de Sergio Bravo, da
circular 3, que em 22 de outu-
bro de 1961 foi baleado numa
perna, ficando manco. O capi-
tão Rebelo, ex-membro do Exer-
cito Rebelde, foi ferido em prin-
cipios de 1962, quando protestava
pedindo mais pão e sopa. A fe-
rida foi causada por tiros na co-
xa e no tornozelo. Posteriormente,
Juan Eugenio Romagosa,
durante uma revista efetu-
ada na circular 2, foi gravemen-
te ferido por bala no estoma-
go em 12 de dezembro de 1962
e isso tudo sem qualquer pro-
vocação por parte dos presos.

No edificio circular 4, por
protesto semelhante causado pela
fome, foram feridos quatro
homens no dia 21 de maio de
1962, de cujos nomes não me-
mento. Também foi ferido um
preso da circular 2 por estar no
andar terreo depois das 18 ho-
ras. A bala disparada pelo guar-
da ricocheteou, graças a Deus,
apenas ferindo-o numa perna. O
ultimo de que me lembro é o
caso de Dովilio Udamiga, que
foi ferido no ombro por um
guarda da torre da circular 1,
com uma carabina de calibre
0,30, no domingo 18 de novem-
bro de 1962".

MORTE POR FALTA DE ASSISTENCIA MEDICA

A Comissão foi informada de
casos de falecimento devido ao
abandono total dos presos políti-
cos que necessitam de cuidados
medicos.

Em seguida, oferecem-se alguns
depoimentos a respeito do assun-
to.

XVIII

Um ex-presidiario de La Caba-
ña declarou sobre dois casos dos
quais foi testemunha: (32)

"Soube do caso do advogado
Pupo, companheiro de presidio.
Atrevi-me a interpellar um me-
dico do Governo para que lhe
desse assistencia, pois sofria de
enfarte cardiaco e disco veio a
falecer. Ali também conheci o
dr. Repos, dentista, com uns 70
anos. Este também morreu na
prisão por falta de cuidados me-
dicos. Era uma excelente pes-
soa e estava condenado a 3
anos".

XIX

Um advogado que esteve deti-
do na Fortaleza Militar de La Ca-
baña denunciou o seguinte fato,
num documento apresentado á
Comissão: (33)

"O dr. Enrique Guiral, advoga-
do, adoeceu na prisão sendo
atendido unicamente por medi-
cos que se encontravam também
encarcerados, os quais esgotaram
a sua capacidade de insistir, pe-
dindo a transferencia do pacien-
te para um hospital, á vista do
seu estado critico e da carencia
absoluta de meios e remédios
para atendê-lo. Percebi a crimi-
nosa indiferença do diretor da
prisão, a enfermidade de que
padecia o dr. Guiral foi agrava-
vando até que, finalmente, fale-
ceu no mês de maio de 1961 na
cela numero 9. Posso afirmar,
enfaticamente, que o enfermo
morreu — excetuando-se os es-
forços dos medicos presos —
sem assistencia medica adequa-
da e sem os recursos e remédios
na que precisava. O dr. Enrique
Guiral morreu no paredão da
intolerancia do regime comunis-
ta cubano, assassinado pela fal-
ta de cuidados medicos".

Outro ex-presidiario descreveu,
perante a Comissão, alguns casos
de presos mortos por falta de cui-
dados medicos na Ilha de Pinos:

(34)

"Sei do caso de um senhor que
era capitão da policia, de sobre-
nome Valdez, que morreu por fal-
ta de cuidados medicos, entre 50
e 60 anos de idade. Também o
caso de Yánez, que foi acometido
de um ataque de epilepsia e caiu
do segundo andar da circular;
permaneceu então dentro da cir-
cular umas 10 ou 12 horas sem
assistencia de especie alguma,
embora eu tivesse comunicado o
fato aos carcereiros. Poucas ho-
ras após ter sido retirado dali,
faleceu".

LOUCURA RESULTANTE DE MAUS TRATOS

Não são poucos os casos de pr-
sidos políticos, segundo foi infor-
mada a comissão, que perderam
as suas faculdades mentais em
consequencia do tratamento que
receberam por parte de carcereiros e
guardas. Das declarações recebidas,
verificou-se que as pancadas,
as noticias falsas, o terror e ou-
tros fatores provocaram a loucura.
Eis alguns depoimentos ofereci-
dos á comissão a respeito des-
tes casos.

XXI

Um ex-presidiario da Ilha de Pi-
nos declarou o seguinte: (35)

"Na prisão, há varios compa-
nheiros que perderam a noção
da realidade, que ficaram loucos.
Um deles é Pepe Márquez, com
23 anos, de minha causa, rapaz
panheiro de minha causa, que ora se
encontra de 23 anos, que ora se encontra
no manicómio. Não reconhece
a sua mãe nem sua familia e, es-
tando confinado na prisão, tentou
cortar as proprias veias e partir
a cabeça contra as paredes.
Além disso, há um nari-ame-

2. Detenção Arbitrária

A Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem (1) estabelece em seu Artigo XXV o seguinte: Ninguém pode ser privado de sua liberdade a não ser nos casos e segundo as formas estabelecidas por leis pré-existentes (2).

Ninguém pode ser detido por não cumprimento de obrigações de caráter nitidamente civil. Todo indivíduo que tenha sido privado de sua liberdade tem direito a que o juiz verifique sem demora a legalidade da medida e a ser julgado sem demora injustificada, ou, pelo contrário, a ser posto em liberdade. Tem também direito a um tratamento humano durante a privação de sua liberdade.

B — AS DETENÇÕES ARBITRÁRIAS EM CUBA DURANTE O REGIME DO PRIMEIRO-MINISTRO FIDEL CASTRO

Do testemunho das numerosas pessoas que depuseram perante a Comissão, e das denúncias por escrito que a ela foram apresentadas, assim como das provas que lhe foram trazidas, chegou-se ao conhecimento dos seguintes fatos:

a) Que os indivíduos que efetuam as prisões e detenções não exibem previamente nenhum mandado judicial que os autorize a realizar tais atos. Tampouco costumam exibir identificação como agentes da autoridade;

b) Que igualmente costumam levar-se a cabo as detenções sem verificar-se devidamente se a pessoa, que é objeto da prisão, é a mesma que se procura, e sem ouvir nenhuma das razões que expõe para tais efeitos a pessoa objeto da detenção;

c) Que as prisões se fazem quase sempre de forma violenta, empregando o agente que as efetua palavras ofensivas à dignidade do preso;

d) Que, quando a detenção se realiza no domicílio do detido, os agentes costumam insultar os demais membros de sua família, ameaçando-os com emprego de força armada;

e) Que muitas prisões se efetuam a altas horas da noite ou de madrugada;

f) Que as detenções costumam ser acompanhadas de revistas minuciosas de revestimentos pessoais e danos à propriedade. Os agentes às vezes apropriam-se das joias ou das jóias encontradas nas revistas e em diversas oportunidades domésticos da casa a que tomem posse desses bens;

g) Que muitas prisões se fizeram sem explicação alguma sobre os motivos ou acusações que pesam sobre a pessoa detida, não dando a esta tempo para dar instruções à sua família, nem mesmo para vestir-se, sendo no entanto os casos denunciados em que o detido tem que sair precipitadamente em roupas íntimas;

h) Que são vários os casos em que um cidadão comparece a uma repartição policial ou militar em busca de informação sobre um preso, sendo detido no ato por suspeitar-se vinculado à pessoa pela qual se interessa. Em outras ocasiões nega-se-lhe a informação sobre o detido ou se dão notícias falsas sobre o mesmo;

i) Que pouco importa que a pessoa a quem se foi prender estivesse desempenhando uma função judicial, havendo casos de magistrados e juizes que foram presos no momento de encontrarem-se no exercício de suas altas funções, as quais, em consequência, foram interrompidas de maneira violenta; e

j) Que não têm faltado ocasiões em que se repete a prisão por pessoa havia sido previamente presa, encarcerada e posta em liberdade, exonerada das acusações que se lhe faziam.

Relatam-se, a seguir, os casos mais típicos de detenções arbitrárias segundo o testemunho de pessoas dignas de fé, as quais compareceram perante a Comissão em Miami e as que foram testemunhas oculares dessas detenções:

I
Um advogado com larga experiência na defesa de presos políticos expôs o seguinte: (3)

"O conhecimento que tenho da justiça revolucionária em Cuba provém do fato de haver atuado como defensor de presos por um período de cerca de 25 ou 30 julgamentos e defendi não menos de 50 ou 60 pessoas, além de conhecer muitíssimas causas que companheiros meus dirimiram. Quanto às normas processuais, posso dizer que em Cuba a detenção não está sujeita hoje a formalidade alguma, nem existe o recurso sumário de "habeas corpus". Calculo que na atualidade há centenas e centenas de casos e quem sabe se até milhares de cubanos detidos à disposição da polícia, que nem sequer foram postos à disposição dos tribunais de jurisdição excepcional e não foram julgados, e aí estão. Conheço o caso de um sacerdote que foi detido no ano de 1960 e permanece preso até agora, sem ter sido ainda julgado."

II
Uma senhora deu a conhecer o caso de seu marido, comerciante, que foi preso sem existir comprovação alguma de que era a mesma pessoa procurada: (4)

"Meu esposo estava em sua loja. Um dia apareceram em casa membros do G-2 em minha casa dizendo que procuravam "Raul". Eu lhes disse que meu esposo se chamava Raul, mas que não se encontrava aqui. Então me disseram que se tratava de um assunto do INIT (Instituto Nacional da Indústria Turística), não lhe dando maior importância. Quando meu esposo chegou às 7 da noite, os citados agentes estavam em um automóvel parado na frente de minha casa e logo que meu esposo desceu do carro se atiraram em cima dele feito feras, agarrando-o fortemente e perguntando-lhe se se chamava Raul. Meu esposo disse-lhes que sim, e também lhes disse seu sobrenome. A isto responderam que procuravam um tal de Raul e que parecia ter havido um equívoco. Um deles començou a falar por telefone com o G-2 para informar que tinha os olhos claros, tal como eram os sinais que traziam. Uma vez instruídos por telefone de que o transportassem preso, conduziram-no ao seu automóvel e o levaram. Tratê de ir junto, mas me proibiram, resolvendo seguir nos meus automóveis até os escritórios do G-2. Ao interrogar o guarda da porta sobre a situação de meu esposo, e guarda me respondeu: "Olhe, senhora, aqui a pessoa que entra não sei mais", enquanto me apontava uma arma de fogo. Desde o mês de julho até o mês de setembro, quando se deu o julgamento, não houve identificação precisa de meu esposo. Foi informada pelo advogado que se lhe designou que a única coisa que tinham contra meu marido era que se chamava Raul e que tinha os olhos claros, os sinais de um chefe contra-revolucionário que se insurgira contra o governo de Castro, e que, como não havia outras provas, em lugar da pena de fuzilamento, foi condenado a 7 anos de prisão."

III
A esposa de um advogado descreveu o caso da prisão de seu esposo: (5)

"Meu esposo era advogado do dono de uma fazenda e, encontrando-se um domingo recebendo a conta que lhe pagava o administrador da mesma, apresentaram-se perante ele membros do G-2 que perguntavam pelo dono da propriedade. Meu esposo informou-lhes que o dono se encontrava com a família, fora de Cuba, e então pretenderam levar preso o administrador. Meu esposo explicou-lhes que não havia razões para a prisão desse homem, já que não tinha nada a ver com a propriedade daquele lugar. Os membros do G-2 declararam voltar sem prender o administrador, com o compromisso por parte de meu esposo de apresentar o citado administrador nos escritórios do dito corpo repres-



Fotografia AP

O Tribunal comum — nele se vive o segundo ato do horror. O primeiro é quando se é feito prisioneiro sem respeito às normas do Direito.

sivo, o que ele fez na manhã seguinte. Uma vez nos aludidos escritórios, ao defender meu esposo os direitos do administrador, o oficial encarregado daquele lugar disse: "Não o defenda tanto, porque o camponês fica livre e você preso." E desde esse momento passou 5 dias incommunicavel no G-2 e marcaram julgamento dentro de dois meses, sem saber os seus familiares qual era a causa".

IV
Uma jovem de 19 anos expôs (6):
"Fui presa em minha casa no dia 11 de janeiro. Foram buscados meus membros do G-2 e de maneira atrevida e grosseira me tiraram de casa ao mesmo tempo que maltratavam meus pais e minha família e entravam em minha casa e revistavam tudo. Dali fui conduzida ao G-2 do mesmo povoado."

V
Um ex-ministro do poder judiciário declarou o seguinte (7):
"Encontrava-me desempenhando o cargo de juiz municipal e correccional na provincia de Pinar del Rio, quando no horário de audiência pública se apresentou um comandante das forças rebeldes reclamando minha presença na chefatura do dito corpo, onde me chamavam. Disse-lhes que não podia abandonar o cargo naquele momento e depois de muitas perguntas e discussões me disse que, se eu não fosse por bem, teria de ir por mal. Ante essa situação fui conduzido aos escritórios principais do exército rebelde e me informaram ali que eu era acusado de contra-revolucionário e que me mantiveram três dias preso e incommunicavel."

VI
Outro ex-membro do poder judiciário apresentou o seu caso (8):

"Um dia apareceu-me de forma incrível um magistrado do Tribunal Superior de Justiça, e apesar de que eu desfrutasse desses momentos do foro de meu cargo e só poderia ser julgado pelo Tribunal Superior, prendeu-me espontaneamente, prendeu-me fazendo uma metralhada junto com um grupo de limpeza do edifício. Ambos vestidos de militares. Envestidos de militares, então me conduziram a um calabouço, esse souber maltratado do Tribunal Super-

mo me ameaçou de morte e me fizeram dormir no calabouço com delinquentes comuns, entre eles precisamente um que eu acabava de julgar em uma causa por homicídio."

VII
Uma senhora que foi posta em liberdade voltou a ser presa no dia seguinte. Eis aqui o seu testemunho (9):

"No dia 9 de setembro de 1960 fui libertada depois de ficar presa no cárcere de Guanabacoa, onde fui submetida a insuportáveis vexames e humilhações. No dia seguinte, membros da polícia judiciária me detiveram em Havana, levando-me, apesar de meus protestos, à chefatura que está em frente do Palacio de Belas-Artes e ali me revistaram completamente despida, sabendo que havia sido posta em liberdade."

VIII
O pai de um jovem fuzilado expôs (10):

"Meu filho foi preso às 8 horas da manhã em um café público, enquanto tomava o café da manhã, no Restaurante Miramar. A partir desse momento, durante 60 dias exatamente, a família esteve tratando de localizá-lo em todos os cárceres e lugares supostamente oficiais, onde poderíamos estar detido, sem que em nenhum momento se tivesse informado por escrito o nome que o hómeiro estado antes. Nessas condições, precisamente 90 dias depois da prisão, recebeu-se uma chamada anônima por telefone, notificando a uma tia sua que o sobrinho seria julgado em La Cabaña naquele mesmo dia às 2 da tarde. Foi fuzilado horas depois."

IX
Um ex-funcionário do poder judiciário declarou o seguinte (11):

"Posso afirmar, como advogado com 22 anos de exercício em minha carreira, e promotor que fui durante 11



Fotografia "O Estado"

Fidel Castro — perante o Tribunal, em 1953, denunciou as violações dos Direitos Humanos cometidas pela Polícia de Batista.



O fim

das nós próprias. Graças a Deus, estavam presas a medica R... e algumas enfermeiras diplomadas".

VII

A organização denominada "Aliança para a Libertação de Cuba", em documento datado de 20 de agosto e 1962 (71), denunciou que a 17 de julho do referido ano foram transferidas violentamente para o carcere de Guanajay para o de Baracoa, lugar isolado da província de Oriente, em Cuba, 65 prisioneiras políticas e uma menina de um mês de idade, as quais foram colocadas em regime incomunicável e submetidas a toda espécie de torturas e maus tratos. A mencionada organização anexou à sua denúncia um relato apresentado por uma das prisioneiras transferidas, no qual — ele foi enviado de Cuba por cubanos que lutam clandestinamente — se especificam os nomes das encarceradas e daquela menina, e se expõe o seguinte:

"Enfim conseguiram introduzir-nos, depois de sermos selvagemmente golpeadas, em camêhões-jaulas hermeticamente fechados, e transferir-nos às FAR (Forças Armadas Revolucionárias). Ali dividiram-nos em dois grupos, ordenando que um deles embarracasse num avião já preparado para partir, sendo o outro conduzido a lugar conhecido pelo nome de "o canil", pelo lugar sujo, caracterizado pela falta de higiene, com maus odores de excrementos, no qual permanecemos atiradas ao solo durante 24 horas, sofrendo toda espécie de vexames dos guardas e dos que ali passaram para olhar-nos como feras de circo".

"O grupo que subiu ao avião foi transferido a Santiago de Cuba, e dali, em camêhões fechados com lonas, vigiado com metralhadoras e batesnetas caídas, levado a Baracoa. Saí de Santiago às 7 da noite, terminando a viagem às 8 horas da manhã do dia seguinte. A odisséia que foi essa viagem é indescritível: sem água e sem comida as prisioneiras sofreram toda a espécie de insultos e ameaças. Aquela viagem, féla também a menina de um mês, isto porque a senhora Maria Arguelles, diretora da prisão de Guanajay, impediu que fosse entregue à sua família antes de sair.

A menina chamada Amadilla Simón Fernández é filha da senhora Maria Amalia Fernández de Cuelto".

"O grupo que ficou fechado no "canil" das FAR, depois de sofrer toda classe de insultos durante 24 horas, também foi transferido para Baracoa, fazendo o mesmo percurso que o anterior e suportando atropelos e vexames iguais. Só nos sustenta-

Morrem como homens, depois de haverem tentado reduzi-los à condição mais abjeta, olhando de frente os que os fuzilam por pensarem diferente do tirano.

a fé em Deus, o unico que temos de nosso lado, e ao qual entregamos nossas vidas. Ele nos protegerá, porque "aquele que tudo perde, resta Deus".

Mau trato por palavra

A seguir, copiam-se trechos de algumas denúncias a respeito:

VIII

A advogada, à qual se fez referência sob o numero VI, também manifestou em sua denuncia o seguinte:

"Os insultos dos guardas, especialmente de um sargento chamado P..., eram comuns, e se a insultada replicava, era enfiada", ou se lhe suprimia o direito de receber correspondência e visitas... Eramos despertadas continuamente, à noite, com gritos e com expressões vis... Para compreender esta denuncia é preciso que se saiba de antemão que para as forças repressivas ou carcereiras do regime castrista, as detentas detidas ou condenadas não são mulheres, mas sim animais. O objetivo do tratamento penal comunista de Cuba é: ou aniquilar física e moralmente a detida ou condenada, ou doutriná-la para o comunismo, para o que é possível todo meio empregado".

IX

Uma senhora que estava detida em lugar conhecido por Tortura por escrito em data de 20 de janeiro de 1963 (72):

"Fui vexada e insultada durante todo o trajeto, e entre muitas outras ameaças disseram-me que olhasse bem o caminho por onde me levavam, pois não ia vê-lo mais. No G-2 fui interrogada varias vezes, a varias horas do dia ou da noite. Ameaçaram atirar sobre mim por não prestar trabalhos "voluntarios" e por não pertencer a nenhum órgão do governo comunista".

X

Uma jovem que fora presa em Cuba, em documento datado de 27 de agosto de 1962 (73) denunciou o seguinte:

"O pessoal do carcere comunista-se só de homens e recebiamos deles muito maltrato de palavra".

XI

As estudantes mencionadas no numero III do anterior denunciaram também os seguintes fatos:

"Durante a madrugada chegava um sargento do G-2 que nos ameaçava constantemente, dizendo-nos que se a contra-revolução triunfasse, nós seríamos fuziladas imediatamente, semeando o pânico entre as detentas. Entre nós havia uma senhora grávida, a qual perdeu o filho por causa do maltrato físico e mental que sofreu".

XII

Uma jovem senhora de 22 anos, em documento de 19 de janeiro

de 1963 (74) fez constar o seguinte:

"Havia na habitação onde estive detida uma janela da qual só se viam as cabeças de milicianos e todas as nossas peças íntimas eram exibidas e mostradas, fazendo-se gracejos e dizendo-se as grosserias mais obscenas; e tudo isso diante dos três jovens amigos nossos. Foi tanta a vergonha que pedi permissão para ir a toalete..."

Ofensas morais

Citam-se, a seguir, algumas denúncias relacionadas com as ofensas mencionadas:

XIII

Uma senhora, em documento datado de 19 de janeiro de 1963 (75), fez a seguinte denuncia:

"As condições do carcere de mulheres de Guanabacoa são muito más. Estão juntas as prisioneiras políticas e comuns. Tive por companheira uma prisioneira comum que matara um homem com marteladas. Entre as prisioneiras havia uma que sofria de doença venerea, e varias delas eram homossexuais. A propria carcereira havia matado varios homens e era também lesbica, razão por que procurava intimidades com as detentas".

XIV

Outra senhora, em documento também de 19 de janeiro de 1963 (76), afirmou a respeito o seguinte:

"Na prisão de Santa Clara, numa pequena cela, havia 26 prisioneiras. Eramos vinte prisioneiras políticas; as seis restantes

eram prisioneiras comuns; entre elas uma prostituta e duas assassinas. Ali estava presa também... (77), moça humilde de Sancti Spiritus, prisioneira política. Estava tão desesperada que um dia tentou suicidar-se com um cinto. Acorreram a tempo as outras prisioneiras e conseguiram salvá-la. Depois a puseram em liberdade, mas poucos dias depois suicidou-se em sua casa, dando-se, a si propria, pauladas".

XV

Em documento de 19 de janeiro de 1963 (78) a signataria afirmou: "A revista consistiu em passar-me mãos asquerosas por todo o corpo. Quando protestei disseram-me que não era suficiente; levaram-me então a outro quarto, onde me obrigaram a tirar toda a roupa até ficar completamente nua".

Tortura psicologica

Seguem-se algumas denúncias sobre torturas psicologicas.

XVI

Uma estudante do segundo ano do bacharelato, de 16 anos de idade, fez a seguinte denuncia por escrito em 19 de janeiro de 1963 (79):

"Quando chegamos ao G-2 havia mais de 300 prisioneiras num espaço em que normalmente se podia respirar. Minha irmã e eu fomos levadas a um pequeno quarto, onde nos mantinham separadas das demais prisioneiras. Minha irmã e minha mãe foram ouvidas às três da madrugada; e às 6 horas levaram minha ir-

mã para interrogá-la. O interrogatorio de minha irmã durou três horas, e durante esse tempo varios membros do G-2 trataram de persuadir-me a delatar supostos conspiradores. Terminado o interrogatorio de minha irmã, levaram-me a mim. Começaram amavelmente, mas quando viram que eu nada sabia, ameaçaram-me com o carcere para todos os meus e com o fuzilamento para um grupo de moças de Santa Clara que estava preso. Passaram-se dois dias, durante os quais continuaram trazendo prisioneiros de todos os tipos: tantos que quase não cabiam no lugar. Tivemos de delatar-nos no chão, pois não havia camas nem colchões, e praticamente não podíamos dormir já que todas as noites, acordávamos as prisioneiras, uma a uma, para interrogá-las".

XVII

Uma senhora que foi condenada a varios anos de prisão, mas que conseguiu sair de Cuba, apresentou a seguinte denuncia por escrito datada de 7 de outubro de 1962 (80):

"Como a agua que davam durante duas horas por dia não chegava para nada, tínhamos de dormir com as privadas sujas e o mau odor era às vezes insuportável. O que saía às vezes pela torneira da pia não era agua, mas sim excremento, e se supõe que parte dessa agua tenha sido usada por nós para beber. A comida, que traziam em vasos de lixo, era pessima: um prato de arroz com "carne" russa, coisa que sabiam que não comeríamos, ou arroz com chicharro (peixe), que não se podia comer, o desjejum consistia de um copo de leite, mais agua que leite, com um pão tão duro quanto tijolo. Ali não vivíamos como mulheres, mas sim como animais, todas amontoadas".

"Um dos maiores barbarismos de que fui testemunha consistia no seguinte: nós estávamos revoltadas porque nos haviam negado, sem justificativa, a visita de familiares. A vice-diretora chegou com um batalhão de milicianos armados até os dentes, que começaram a disparar suas metralhadoras e pistolas, primeiro contra o teto e paredes e depois em nossa direção. O castigo foi dois meses sem ver nossas famílias, sem receber correspondência, sem ver um rai de sol, com poucos alimentos e sem que deixassem ninguém aproximar-se de nós. Até ao menino de seis meses que vivia em nosso pavilhão se impôs o mesmo castigo".

XVIII

Uma jovem de 20 anos, em documento datado de 27 de agosto de 1962 (81) declarou:

"Detiveram-me e levaram-me à sede do G-2, onde me fecharam num calabouço, só. Não havia nenhuma cadeira, nem cama onde pudesse sentar-me. Tudo estava chelo de poeira, sem luz e sem banho. Ali fiquei sofrendo durante esse tempo vários interrogatorios. Dali levaram-me para o carcere da localidade, do qual me conduziram



Fotografia UTI

A noticia

Em Miami, os familiares acompanham noticias e veem fotografias dos que ficaram em Cuba. Para talvez não voltar.

ricano chamado Richard Allen, Fecarero que está completamente transformado e que recebe ajuda dos próprios presos, entre os quais dois psiquiatras que procuraram tratá-lo, mas está totalmente alheio à realidade. Houve muitos outros, de cujos nomes não me lembro, mas que se caracterizaram por tentativas de suicídio, de comer excrementos ou de procurar os ossos de seus cavaleiros na sopa".

XXII

Outro ex-prisioneiro da Ilha de Pinos ofereceu o seguinte depoimento: (36)

"Conheci um rapaz chamado Hernández Ponce, que enlouqueceu em consequência de pancadadas. Este foi um dos homens mais resignados na prisão. Em três ocasiões feriram-no com baionetas e uma vez deram-lhe dois tiros, um no braço e outro que apenas lhe roçou o ombro. Um dos golpes de baioneta por pouco lhe custou a vida, pois sangrou excessivamente na região glútea".

ENFERMIDADES CAUSADAS POR MAUS TRATOS FÍSICOS

Não faltam casos, segundo se verifica pelas informações dadas à comissão, em que as pancadadas e outros maus tratos ministrados aos prisioneiros provocaram nestes graves enfermidades. Denunciou-se também que, devido à má alimentação, postura incomoda do corpo e outros fatores determinaram indisposições nos prisioneiros.

XXIII

Uma denúncia apresentada à comissão diz o seguinte: (37)

"O procurador Eduardo Aragón Cortina, condenado a 9 anos de detenção na Ilha de Pinos, foi violentamente espancado pelos seus guardas e esbirros comunistas na mencionada prisão. Em consequência dos golpes, foi acoimado de tuberculose por lesão orgânica produzida por corpos duros. A falta de cuidados médicos na prisão da Ilha de Pinos, os maus tratos, a ausência total de higiene e a tortura psíquica e física fizeram com que a tuberculose contraída pelo procurador Aragón Cortina se agravasse, sendo preciso transferi-lo para o Sanatorio Antituberculoso de La Esperanza, em Havana, onde se encontra incomunicado e para que não se saiba o seu estado e a razão que o provocou".

XXIV

A "Comissão Pró Tratamento Humano a Presos Políticos em Cuba" fez as seguintes denúncias: (38)

"Existem atualmente em La Cabaña uns 3.400 presos políticos, entre os quais o regime castrista introduziu delinquentes comuns com o fim de debilitar entre os primeiros o moral, os ideais e princípios. Calcula-se



Marcados

Os presos políticos são todos marcados com uma grande letra "P". Sozinhos, têm de lavar sua roupa branca nas acanhadas instalações. Os prisioneiros re-

cebem apenas um litro de água, em dias alternados, para beber e lavar-se. Mais uma maneira de reduzir a condição humana.

que mais de 60% desses presos sofrem de anemia, 30% de gastrite e 5% de tuberculose, mais 5% de hemorroides sanginolentas, existindo, outrossim, muitos casos de moléstias infecto-contagiosas não descritas. E acrescenta-se a isto que há mais de uma centena de homens com idade superior a 60 anos e alguns com muito mais, todos em péssimas condições físicas. Além disso, a mencionada prisão está cheia de percevejos e piolhos, pois não são fornecidos, nem é permitido receber de familiares

os encarcerados, inseticidas ou remédios adequados, e a água é administrada aos presos de tal forma que, em dias alternados, recebem apenas um litro para beber e lavar-se. Quanto à alimentação, é preciso considerar que em La Cabaña não é permitida a chamada "jaba" ou pacotida de alimentos enviados pela família do detido. Este só vive com a péssima comida da peni-

tenciária, que consiste em massas para o almoço e "espagueti" para o jantar, e um desjejum de café e pão preto fabricado com farinha russa. Nem mesmo os anciãos podem tomar leite, que há dois anos não ingerem".

XXV

Um estudante universitário que esteve preso em Cuba declarou o seguinte à comissão: (39)

"No dia 13 de abril de 1961, mais de mil homens foram despojados de todas as suas roupas e haveres, e distribuídos nas cadeias existentes, onde nos instalamos como pudemos, dormindo no chão úmido e cobrimo-nos às vezes com papel. Cada cadeia tem apenas dois aparelhos sanitários: um para urinar e outro para a defecação. O banho consiste unicamente num tubo de ferro embutido na parede de onde jorra um tenebroso fio de água gelada. As instalações sanitárias precisam ser esvaziadas por meio

de baldes de água; esta porém só chega às celas em determinadas horas e, frequentemente, o fornecimento é suprimido pela direção da penitenciária por 24 ou 48 horas seguidas, em consequência do que os sanitários transbordam e os presos não podem efetuar as mínimas necessidades de asseio. Cada remessa de prisioneiros que chegava, apresentava-se em piores condições de depauperação, causando mais amontoamentos nas celas. Naqueles dias, chegaram vários religiosos e sacerdotes católicos, que foram tratados sem qualquer distinção. Dois irmãos do Colegio de la Salle, com 90 anos cada um, quase cegos e inválidos, com um regime alimentar especial, foram obrigados a permanecer nas celas, sendo submetidos ao mesmo tratamento dado aos outros presos".

XXVI

Um médico que esteve detido no teatro "Blanquita" em Havana, quando da invasão de Playa Girón, expôs os seguintes fatos (40):

"Cerca de 5.000 pessoas, entre mulheres e homens, foram empilhadas no Teatro Blanquita, em condições subhumanas, pelo único crime de serem possíveis não simpatizantes do comunismo. Este quadro repetiu-se em Cuba cada vez que o governo comunista da ilha teme uma invasão ou um levante interno.

Em consequência das múltiplas violações dos direitos humanos cometidas no referido Teatro — amontoamento, falta de comida, de água, de remédios, carência de serviços sanitários, ausência de higiene e assistência médica, maus tratos e vexames etc. o balanço foi o seguinte: 1) cerca de 3.000 casos de gastrite, náusea, vômitos e diarréias; 2) três casos de enfarte do miocárdio, com uma morte; 3) um aborto com perda da criança; 4) treze pessoas, dadas pelos médicos como totalmente loucas; 5) mais de 200 pessoas com graves crises nervosas, e 6) três feridos por balas, quando a milícia que guardava o local metralhou um grupo de delírios, pelo simples fato de se terem chegado à porta de um corredor a não se respirar ar puro. Não se sabe se estes feridos morreram, pois foram transferidos para o Hospital Militar".

XXVII

Uma mãe, em documento enviado do Cuba, declarou o seguinte (41):

"Sou mãe de... meu único

filho, que está preso pelos comunistas aqui em solo cubano. Está sofrendo de úlceras sanginolentas no duodeno, sem assistência médica e sem alimentação adequada; e devido ao seu caráter íntegro é sempre castigado, não lhe sendo permitido receber alimentos e remédios".

XXVIII

Um comerciante, em documento apresentado à Comissão, denunciou o seguinte (42):

"A comida, que me serviam uma só vez por dia, era escassa e da pior qualidade. Porém o pior, entretanto, não era a falta de comida, mas a falta de água, pois só me davam um copo de queque por dia, apesar do calor sufocante. Considere-se que estivemos presos num quartel em julho, mês de grande calor em Cuba. Sabendo da sede que padecíamos, os milicianos costumavam trazer uma jarra de metal contendo água com gelo e faziam-na tinger fora das celas, provocando a exasperação dos que sofríamos tão horrível tortura".

XXIX

Um ex-prisioneiro da Ilha de Pinos informou a Comissão dos seguintes casos de enfermidades provocadas na prisão (43):

"O capitão La Rosa foi acometido de gangrena na Ilha de Pinos e não queriam tratá-lo. Foi um grande problema levar um médico a um preso doente. O senhor Urquiza esteve 40 dias com uma indisposição gástrica, como uma espécie de diarreia, impossível de conter. Mayito Lizarido, outro companheiro preso, teve um problema de artrite, não lhe tendo sido prestada assistência médica. Sei que cerca de 50% dos presos sofrem de hemorroides, devido à falta de corduras, à alimentação seca e à postura do corpo".

Saque, abandono e isolamento do preso

A Comissão foi informada, através de numerosos depoimentos e provas, de que as autoridades carcerárias cubanas costumam, em intervalos regulares, submeter os presos políticos a uma espécie de saque, conhecido como "revisita", o qual consiste em ordenar aos detidos que abandonem as celas quase despidos, que permaneçam nus patios da prisão durante várias horas, enquanto os guardas penetram nas celas e os despojam



Fotografia AP

Os soldados castristas riem-se, enquanto os prisioneiros iniciam a marcha para os campos. Inexiste o respeito pelo que lutou.

A marcha

lestia nervosa. Enviamos-lhe dois vidros de vitamina e tampouco sabemos se chegaram."

VII
Uma senhora, tia de um preso que se encontra na Ilha de Pinos, em denuncia datada de 22 de janeiro de 1963, (95) disse o seguinte:

"Durante sua permanencia no carcere de Camaguey, meu sobrinho sofreu dois fortes ataques de hepatite e também contraiu escarlatina e sifo. Na prisão de Ilha de Pinos ele contraiu muito doente. Por este motivo sua mãe — que é minha irmã — mudou-se para aquela ilha, a fim de estar perto dele e procurar obter informações sobre o seu estado de saúde. Mas poucos dias depois teve de abandonar o lugar por ordem de abandono, porque não se permite a nenhum familiar de preso residir ali."

"Só em duas ocasiões minha irmã pôde ver seu filho, em seus quinze meses de cativeiro, e durante as visitas efetuadas presenciou horrorizada atos vexatórios e tratamento desumano, tanto contra os presos quanto seus familiares. Os alimentos que deixavam passar eram, na maioria, retirados à via publica, sob o pretexto de que não estavam bem acondicionados; e os remédios, de urgente necessidade, depois de entregues às chamadas autoridades da prisão, não chegavam às mãos dos interessados."

VIII
Um pai, cujo filho está cumprindo pena de 30 anos de privação de liberdade na Ilha de Pinos, em documento datado de 21 de janeiro de 1963 (96), fez a seguinte denuncia:

"Depois de realizado o julgamento contra meu filho fui perseguido por membros do G-2, motivo pelo qual tive necessidade de mudar-me da cidade de Santa Clara para a de Havana, onde permaneci oculto por dois meses; mas, como a perseguição continuasse, vi-me obrigado a sair do país, dirigindo-me a Miami, num barco, a 2 de abril de 1961."

"Recebi notícias de minha esposa e de minhas filhas de que a vida de meu filho se torna cada dia mais difícil, já que elas não podem levar-lhe nem comida, nem remédios, nem roupa, porque não conseguem autorização para visitas."

IX
Um ex-magistrado, que esteve aprisionado em dois carceres cubanos, em documento datado de 20 de janeiro de 1963 (97), manifestou o seguinte:

"O mau tratamento que a ditadura vermelha dispensa aos prisioneiros políticos não se limita a estes, mas se estende também aos seus familiares. As filhas, mães e esposas, quando vão visitar seus entes queridos presos, fazem-nas esperar de pé, ao sol ou na chuva, durante horas. Esperando em longas filas, são insultadas, vexadas e às vezes moram com grosserias. Muitas vezes, depois de subirem a pé as encostas da Fortaleza de La Ca-



Fotografia "O Estado"

O preço

Castro estabeleceu um preço pelas vidas humanas. Tal como os nazistas faziam com a vida dos judeus. Está impune.



Fotografia AP

O trator

Uma vida por um trator — o preço infamante. Mas os povos livres dispuseram-se a pagá-lo a fim de salvar os homens livres.

bana ou do Castillo del Principe, depois de longas horas de espera, são informadas de que as visitas foram suspensas, sob qualquer pretexto. Mas sempre, antes de chegarem ao lugar onde de ansiosamente as aguardam seus familiares encarcerados, são obrigadas a submeter-se a revista vexatoria, efetuada por mulheres baixas, quase sempre pervertidas sexuais, que as tocam em todo o corpo, fazendo sorridentes e grosseiros comentários.

Uma mãe, cujo filho foi fuzilado, em documento datado de 21 de janeiro de 1963 (98), fez a seguinte denuncia:

"Depois de uma peregrinação por varios órgãos policiais, soube que o meu filho havia sido

enviado à sede do G-2, à qual me dirigi e onde me informaram que ele ali estava e que continuaria detido em dito lugar, o que não estava certo. Deram-me essa informação para evitar que eu continuasse a procurá-lo. Eu ia ao G-2 todos os dias e sempre me informaram falsamente de que ali estava o meu filho. Uma vez por semana ele lhe levava alimentos, cigarros, sabão, toalhas, roupa etc. Nada disso chegou às suas mãos. Houberam tudo na sede do G-2, pois o meu filho nem sequer ali se encontrava.

Isso durou cinco meses; e todas as tardes eu suplicava que me deixassem vê-lo, mas sempre isto foi negado. No fim fez-

se um julgamento, de cuja realização soube no mesmo dia em que ocorreu, o que fez que o advogado que ia defender meu filho não pudesse fazê-lo porque tinha naquele mesmo dia e a mesma hora outro caso em que se pedia a pena de morte. Designou-se então um advogado dativo na hora em que começou o julgamento, no qual se permitiu só a apresentação de 2 testemunhas, ambos membros do G-2. O processo terminou à noite, e às 23 horas daquele mesmo dia fuzilaram meu filho. Não lhe deram tempo nem para apelação. O unico que me aconselharam foi que me dirigissem o quanto antes ao necroterio para reclamar o cadáver, que eu não pude ver

Notas

- 1) Aprovada a Nona Conferência Internacional Americana realizada em Bogotá, Colombia, em abril e maio de 1949.
- 2) Análogo direito encontra-se estabelecido no artigo 9 da Declaração Universal de Direitos Humanos, proclamada pela ONU em dezembro de 1948.
- 3) Doc. n. 126 nos Arquivos da Comissão.
- 4) Doc. n. 32 nos Arquivos da Comissão.
- 5) Doc. n. 41 nos Arquivos da Comissão.
- 6) Doc. n. 130 nos Arquivos da Comissão.
- 7) Doc. n. 97 nos Arquivos da Comissão.
- 8) Doc. n. 52-A nos Arquivos da Comissão.
- 9) Doc. n. 125 nos Arquivos da Comissão.
- 10) Doc. n. 201 nos Arquivos da Comissão.
- 11) Doc. n. 57 nos Arquivos da Comissão.
- 12) Doc. n. 36 nos Arquivos da Comissão.
- 13) Doc. n. 37 nos Arquivos da Comissão.
- 14) Doc. n. 35 nos Arquivos da Comissão.
- 15) Doc. n. 29 nos Arquivos da Comissão.
- 16) Calabuços estreitos, esturos e incomodos.

- 17) Docs. n. 65 1 a 11 nos Arquivos da Comissão.
- 18) Doc. n. 68 nos Arquivos da Comissão.
- 19) Doc. n. 29 nos Arquivos da Comissão.
- 20) Doc. n. 41 nos Arquivos da Comissão.
- 21) Doc. n. 41 nos Arquivos da Comissão.
- 22) Doc. n. 41 nos Arquivos da Comissão.
- 23) Doc. n. 159 nos Arquivos da Comissão.
- 24) Doc. n. 38 nos Arquivos da Comissão.
- 25) Docs. nos 1 a 11 nos Arquivos da Comissão.
- 26) Doc. n. 182 nos Arquivos da Comissão.
- 27) Doc. n. 152 nos Arquivos da Comissão.
- 28) Doc. n. 18 nos Arquivos da Comissão.
- 29) Doc. n. 56 nos Arquivos da Comissão.
- 30) Doc. n. 44 nos Arquivos da Comissão.
- 31) Doc. n. 159 nos Arquivos da Comissão.
- 32) Doc. n. 64 nos Arquivos da Comissão.
- 33) Doc. n. 43 nos Arquivos da Comissão.
- 34) Doc. n. 187 nos Arquivos da Comissão.
- 35) Doc. n. 167 nos Arquivos da Comissão.
- 36) Doc. n. 194 nos Arquivos da Comissão.
- 37) Doc. n. 85-III nos Arquivos da Comissão.
- 38) Doc. marcado com os números

- 1 a 11 nos Arquivos da Comissão.
- 39) Doc. n. 38 nos Arquivos da Comissão.
- 40) Doc. n. 42 nos Arquivos da Comissão.
- 41) Doc. n. 33 nos Arquivos da Comissão.
- 42) Doc. n. 32 nos Arquivos da Comissão.
- 43) Doc. n. 187 nos Arquivos da Comissão.
- 44) Doc. n. 70 nos Arquivos da Comissão.
- 45) Doc. n. 191 nos Arquivos da Comissão.
- 46) Doc. n. 16 nos Arquivos da Comissão.
- 47) Doc. n. 138-III nos Arquivos da Comissão.
- 48) Doc. n. 65 nos Arquivos da Comissão.
- 49) Doc. n. 66 nos Arquivos da Comissão.
- 50) Doc. marcado com os números de 1 a 11 nos Arquivos da Comissão.
- 51) Doc. n. 34 nos Arquivos da Comissão.
- 52) Doc. n. 83 nos Arquivos da Comissão.
- 53) Doc. n. 110 nos Arquivos da Comissão.
- 54) Doc. n. 96 nos Arquivos da Comissão.
- 55) Doc. n. 81 nos Arquivos da Comissão.
- 56) Doc. n. 63 nos Arquivos da Comissão.
- 57) Doc. n. 166 nos Arquivos da Comissão.
- 58) Doc. n. 82 nos Arquivos da Comissão.
- 59) Doc. n. 200 nos Arquivos da Comissão.

- 60) Doc. n. 78 nos Arquivos da Comissão.
- 61) Doc. n. 49 nos Arquivos da Comissão.
- 62) Doc. n. 44 nos Arquivos da Comissão.
- 63) Doc. n. 2 nos Arquivos da Comissão.
- 64) Doc. marcado com os números de 1 a 11 nos Arquivos da Comissão.
- 65) Doc. n. 20 nos Arquivos da Comissão.
- 67) Doc. n. 14 nos Arquivos da Comissão.
- 68) Doc. n. 27 nos Arquivos da Comissão.
- 69) Doc. n. 22 nos Arquivos da Comissão.
- 70) Doc. n. 57 nos Arquivos da Comissão.
- 71) Doc. n. 47 nos Arquivos da Comissão.
- 72) Doc. n. 19 nos Arquivos da Comissão.
- 73) Doc. n. 56-V, nos Arquivos da Comissão.
- 74) Doc. n. 17 nos Arquivos da Comissão.
- 75) Doc. n. 16 nos Arquivos da Comissão.
- 76) Doc. n. 17 nos Arquivos da Comissão.
- 77) O caso dessa jovem é denunciado também em outro documento apresentado à Comissão (Doc. n. 19), no qual se acrescenta que dita jovem foi violentada no carcere em mais de 30 vezes e recebeu diversas injeções de "e que" depois de passar o efeito das drogas, seus interrogadores contavam-

e nem sequer me deixaram em terra-lo no túmulo da família Sô vi o caixão juntamente com mais sete; e as 6 e 30 da manhã o enterraram num vala comum. Nesse dia no cemiterio, ao lado da vala de meu filho, vi 14 outras valas preparadas, que no dia seguinte, quando lá voltei, já estavam cobertas."

Considerações finais

A exposição feita neste relatório demonstra que a Comissão, como o fez constar em seu relatório de 26 de abril de 1962, continua colhendo com grande interesse e preocupação todos aqueles dados que lhe permitam conhecer a situação dos direitos humanos na Republica de Cuba.

Lamenta a Comissão que as reiteradas solicitações de informações dirigidas ao governo cubano só tenham tido respostas evasivas em alguns casos, e falta abso-

luta delas em outros, tal como consta do Capítulo II deste documento. Este fato impediu a Comissão de chegar a conclusão diferente do que teria chegado se tivesse sido provado que as denúncias recebidas foram substancialmente inexatas. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos, servindo-se estritamente das facultades que lhe outorga o Estatuto, as quais foram notadas e aprovadas plena e conscientemente pelo governo cubano no Conselho da Organização, desejará, cumprindo seu mandato de "promover o respeito pelos direitos humanos, consagrados na Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, que no caso de Cuba se cumprisse o nobre principio expresso na Organização dos Estados Americanos, a qual proclama os direitos fundamentais da pessoa humana (Artigo 6, inciso j) e se observassem plenamente esses direitos e os principios da moral universal (art. 13).

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos, no uso de suas atribuições, decidiu elaborar o presente relatório no qual expõe a situação dos prisioneiros políticos e de seus familiares em Cuba, e levô-lo ao conhecimento dos governos americanos, por intermédio do Conselho da Organização dos Estados Americanos, em 2 de maio de 1963. Manuel Bianchi, Presidente Gabino Fraga, vice-presidente Angeles Acuña de Chacon Gonzalo Escudero Reynaldo Galindo Pohl Durward V. Sandifer